

CLARA ÁVILA ORNELLAS

# Presença do tolstoísmo na literatura brasileira

CLARA ÁVILA  
ORNELLAS

é pós-doutoranda  
em Literatura  
Brasileira na  
Unesp-Assis.

**A**o se completarem cem anos da morte do grande escritor e pensador Leon Tolstói (1828-1910), que deixou, entre seus vários legados, a doutrina filosófica e cristã do tolstoísmo, é importante retomar algumas bases de seu pensamento para verificar que ainda dizem muito à atualidade. Apesar da existência de referências ao tolstoísmo no Brasil por críticos e estudiosos como José Veríssimo, Brito Broca, Boris Schnaiderman, Bruno Gomide, Maria Salete Magnoni, até onde se tem conhecimento, ainda não foi realizada uma abordagem que contemplasse a presença de elementos particulares dessa doutrina na literatura brasileira. É o que se busca fazer agora, ao se realizarem breves considerações sobre dois escritores e jornalistas, Lima Barreto (1881-1922) e João Antônio (1937-96), e suas relações com preceitos tolstoístas.

Este texto é parte dos resultados da pesquisa de pós-doutorado "João Antônio, Leitor de Lima Barreto", desenvolvida na Unesp-Assis/Fapesp, concluída em 2008.



**O escritor  
Leon Tolstói**

João Antônio apresenta os elementos fundamentais de seu pensamento sobre literatura e jornalismo no texto “Corpo-a-corpo com a Vida” (1975a). Nesse texto-manifesto, a principal preocupação exposta relaciona-se à necessidade tanto da literatura quanto do jornalismo de se voltarem para a representação da realidade. À semelhança de Lima Barreto, o autor paulistano combate o fazer literário distanciado dos fatos emergentes.

Para o criador de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, a literatura deve estar comprometida com o povo e a terra, focalizando aspectos da cultura brasileira como futebol, umbanda, operariado, êxodo rural e outros temas que correspondam a verdadeiras radiografias sociais. A carência de enfoque a essas realidades ocasiona a falta de conteúdo e impede o estabelecimento de uma forma literária genuinamente brasileira. Esse distanciamento poderia ser verificado na constante posição intelectualizada dos escritores de sua época, resultando numa falsa estética que se volta para estilos importados mal assimilados, sujeitos às classificações da crítica literária do momento.

O país já teve grandes escritores preocupados com temas relevantes para a sociedade, o povo e a terra brasileira, como Lima Barreto, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Oswald de Andrade e Manuel Antônio de Almeida. Segundo o autor paulistano, esses autores,

“[...] compreenderam uma verdade fundamental e descobriram a chave. Não é possível produzir uma literatura de heróis taludos ou de grandiosidade imponente, nem horizontal, nem vertical, na vida de um país cujo homem está, por exemplo, comendo rapadura e mandioca em beira de estrada e esperando carona em algum pau-de-arara para o Sul, já que deve e precisa sobreviver. Logo, tais grandezas quiquiriquis [classificações literárias e temas sem vínculo social], salves-salves e loas apologéticas tropeçam nas próprias pernas. E têm pernas curtas como a mentira” (Antônio, 1975a, p. 144).

É interessante observar que os posicionamentos de João Antônio vinculam-se aos preceitos defendidos por Tolstói ao definir o que é arte. Para o pensador russo, a verdadeira arte deve priorizar o contexto social no qual se desenvolve e despertar a consciência do público para questões relevantes socialmente. À semelhança dos preceitos de Tolstói (1971) expostos em “À Propos de l’Art: ce qu’il est, ce qu’il n’est pas; quand il est une affaire importante et quand il est une affaire futile”, João Antônio atenta que não basta apenas focar dados da realidade, é necessário atentar para a importância daquilo a ser abordado numa obra artística, a ação de determinado conteúdo sobre as bases da sociedade.

Assim como para Lima Barreto e João Antônio, o tolstoísmo não admite que definições clássicas estabeleçam as regras para a produção artística, pois isso leva ao distanciamento, inviabilizando um contágio real entre arte e público. Para João Antônio (1975a, p. 145), a não aderência a temas vinculados à realidade leva a uma produção literária “[...] luso-afro-tupiniquim e deslumbrada, paupérrima e metida a sofisticada, molambenta ou faminta e querendo tomar importâncias altas e ares civilizados”.

O autor paulistano defende que a verdadeira literatura se recusa a produzir para a glória, vaidade e riso inconsequente de uma sociedade. Esses valores equivocados lembram as colocações de Tolstói acerca da arte voltada à representação de temas vinculados ao poder dominante e, mais do que isso, enaltecendo conceitos perigosos como a sexualidade e a degradação do sentido humano da produção artística, configurando um dos monstros produzidos pela consciência adormecida (Silbajoris, 1991, p. 126).

Assim como os valores apregoados pelo pensador russo, João Antônio destaca que é necessário não apenas uma literatura voltada para a realidade, mas de um teatro, cinema e jornalismo que exponham, firam e penetrem os problemas brasileiros. O autor de *Dedo-Duro* ressalta que o tipo de procedimento criativo defendido por ele não é tarefa fácil: “O caminho é claro

e, também por isso, difícil – sem grandes mistérios e escolas. Um corpo-a-corpo com a vida brasileira. Uma literatura que se rale nos fatos e não que rele neles. [...] Corpo-a-corpo. Abrija é essa. Ou nenhuma” (Antônio, 1975a, p. 146).

João Antônio destaca que para se realizar esse “corpo-a-corpo” é necessário observar problemas antigos, como a miséria e a violência, por uma nova ótica. Seria imprescindível uma postura séria do escritor, mais sensível e fecunda e, principalmente, desvincular a literatura de uma visão distanciada, privilegiando a postura participativa e atuante do escritor em relação aos temas e aos fatos a serem tratados.

Para Tolstói, a arte só tem uma efetiva participação no contexto social quando originada de uma visão próxima da realidade representada, ou seja, a sinceridade sobre o que se escreve é fundamental para se realizar uma arte verdadeira, configurada no poder de contagiar os homens com sentimentos elevados. Embora os preceitos tolstoístas almejem uma elevação espiritual cristã, o que não condiz com os pressupostos de João Antônio, percebe-se a presença de conceitos similares entre os dois escritores, pois o autor paulistano delimita como ponto central da literatura o levantamento de problemas que contribuam para melhorar o homem, o país e a sociedade através de uma abordagem sincera e verdadeira.

Também para Lima Barreto, o principal fator a ser considerado para que uma obra cumpra uma perspectiva positiva socialmente é a necessidade de sinceridade por parte do escritor para com a realidade que cerca a si e ao seu universo social: “A Arte e a Literatura são cousas sérias, pelas quais podemos enlouquecer – não há dúvida; mas, em primeiro lugar, precisamos fazê-la com todo o ardor e sinceridade. Não é o canto da araponga que parece malhar ferro, mas nem sabe o que é bigorna” (Barreto, 1956a, p. 221).

Nesse sentido, localiza-se a universalidade dos posicionamentos da doutrina tolstoísta, cuja finalidade é a produção de uma arte que atenda às reais necessidades humanas, desprendendo-a de qualquer

vinculação com os interesses da classe dominante. Na visão de Tolstói, a classe dominante é a grande responsável pelo desvirtuamento da arte por preconizar e fomentar um fazer estético que atenda ao seu próprio prazer e deleite. A partir do momento em que a arte passa por um processo de profissionalização, durante o Renascimento, instaura-se a formação de artistas que fomentam – por serem pagos e estudarem em escolas de arte – essa perspectiva comercial e infrutífera. Dessa maneira, houve a perda de conteúdo, o abandono da cultura popular e o descontentamento com a vida.

Entende-se que a postura de João Antônio em relação à valorização da cultura de raiz brasileira – aspecto também relevado na obra barretiana – enquadra-se na perspectiva tolstoísta, pois tanto polemiza com a falta de conteúdo quanto com o fato de a literatura ater-se, principalmente, a temas de cunho existenciais vivenciados somente pelas classes média e dominante e, portanto, distanciados dos verdadeiros problemas sociais. É o que pode ser visto, por exemplo, quando ele comenta a respeito da divulgação maciça da cultura estrangeira no Brasil voltada principalmente para a transmissão de valores equivocados, distantes do homem e da realidade brasileira. Ele não é contra a literatura estrangeira, desde que de boa qualidade, do contrário, a invasão cultural busca implantar uma inconsciência perigosa, não permitindo ao homem brasileiro distinguir questões realmente importantes para a sua existência: “[...] não a literatura enlatada dos tubarões e terremotos, de sexo e violência, os best-sellers pré-fabricados, um conjunto de mentiras e alienações, para fazer o sujeito dormir e não acordar nunca mais, é um veneno”. Diante disso, ele alerta para a necessidade de um critério rigoroso, pois “o consumo único de elementos alienígenas prejudica o potencial de criatividade do brasileiro, sem que lhe sejam dadas alternativas em termos de leitura e produção literária brasileira” (Antônio, 1976a).

Tolstói enuncia que a determinação de um fazer artístico voltado aos anseios das classes altas ocasionou a divisão dos objetos artísticos entre arte para a elite e arte para o

povo. Na concepção de arte elevada, voltada à ideologia dominante, utilizam-se temas e formas complexas que dificultam o entendimento do povo e até mesmo de indivíduos pertencentes às altas classe sociais, visto que usam de linguagens e formas ininteligíveis. A perversidade dessa situação, conforme afirma o pensador russo, é que a massa trabalhadora, donde provém o pagamento – via cobrança de impostos – desses artistas comprometidos com o poder vigente, torna-se impedida de usufruir dessa arte. Tanto por lhe ser incompreensível quanto por não poder pagar para frequentar teatros, óperas e, ainda, não ser alfabetizada, o que impede o acesso à leitura. Os subempregados podem, no máximo, trabalhar nos bastidores sob o comando opressor de diretores e artistas que se têm em conta de pessoas superiores por realizarem uma função intelectualizada. Semelhante condição lembra a relação desigual entre senhores e servos, um dos pontos cruciais da crítica social tolstoísta.

A divisão entre trabalhos intelectuais e manuais é constantemente referenciada nas obras de Tolstói, que denuncia se tratar de uma estratégia efetuada pelo poder dominante para manter-se na posição de comando. Porém, afirma o pensador russo, tal aspecto não passa despercebido pelo camponês ou operário que observa a incoerência entre o fato de ele trabalhar arduamente – enfrentando jornadas desumanas a troco de salários que mal lhe permitem sobreviver –, enquanto os pensadores, cientistas e artistas contam com uma vida de luxos e facilidades.

A disparidade entre os trabalhos braçal e intelectual também é um dos temas discutidos por João Antônio e Lima Barreto. O autor paulistano entende que o trabalho intelectual não tem maior valor do que o braçal. Ambos os tipos de ofícios são úteis à sociedade, o mais importante é que o homem se sinta realizado profissionalmente. Ao tratar do acesso à arte pelas classes marginalizadas, João Antônio argumenta que se trata de uma injustiça o fato de se supor que a arte não possa atingir a sensibilidade de quem não teve acesso à educação. Para ele, a verdadeira arte atinge todas as esferas da

sociedade, desde as subclasses até a elite: “Popular, para mim, é tudo aquilo que é bom. Se montarmos Shakespeare, Gógol ou Chekhov na Praça Serzedelo Correia, tenho certeza de que todos vão gostar. [...] A condição fundamental para algo ser popular é a sua qualidade” (*O Globo*, 1982).

Esse contágio da obra verdadeiramente artística, também defendida por Tolstói, localiza-se no pensamento de Lima Barreto. No texto “Amplius” (Barreto, 1956b), originalmente publicado em 1916, o autor carioca, em resposta às críticas recebidas sobre a presença de técnicas do jornalismo em seu romance *Recordações do Escrivão*



*Isaías Caminha* (1909), argumenta que o mais importante é a mensagem a ser transmitida. Ele diz evitar linguagem e forma prolixas que possam dificultar o alcance de sua escrita por todas as faixas sociais. Ao tratar de temas que transmitam suas angústias, ele espera atingir o público leitor com as suas preocupações e sofrimentos de modo a auxiliar na construção de uma humanidade fraterna.

Ainda no mesmo texto, Lima Barreto, ao comentar a afirmação de um leitor quanto à falta de amor romântico em suas obras, afirma que na obra de grandes mestres modernos como Balzac, Tolstói, Turguêniev e Dostoiévski o amor localiza-se, quase sempre, em segundo plano. Acima de tudo, o principal foco de atenção desses escritores é o homem e assim deve ser para todo aquele que se propõe ao ofício literário: “[...] difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuais e do que elas têm de comum e dependente entre si” (Barreto, 1956b, p. 33).

Percebe-se na diferenciação efetuada por Lima Barreto a perspectiva de um amor universal que não se limita à focalização das relações amorosas entre os sexos, pois isso ocasionaria uma visão limitada. O amor misericordioso é um elemento fundamental também para João Antônio. Em suas entrevistas, localizam-se vários momentos em que ele estabelece como critério fundamental de sua estética a relação amorosa com seus personagens e temas: “[...] O sentimento que me move é o do amor misericordioso, ao mesmo tempo em que tenho pelo povo brasileiro – de onde tiro meus personagens –, além do amor, uma admiração imensa” (in Oliveira, 1996). E essa vivência amorosa incide na apreensão artística da realidade brasileira, pois é o único caminho viável em termos de criação literária,

“[...] não pode deixar de se infiltrar nesta luta [representar a realidade centrando-se no homem], porque no fundo, ela procura

um dos objetivos fundamentais da literatura ou de qualquer arte ou meio de expressão que possa merecer esse nome – substituição de falsos valores, por valores mais verdadeiros; a busca da justiça e da igualdade, num mundo dividido pelas injustiças e pelas desigualdades; a substituição de posições saturadas e perniciosas por outras, novas e mais condizentes com a dignidade humana. Não fosse assim, toda a história da literatura estaria equivocada, pois o ponto central de preocupações da arte literária é o homem e não os ismos, as escolas, as modas, os brilharecos e os embelecos mentais” (in Montserrat Filho, 1975).

A representação da realidade preconizada por João Antônio está diretamente relacionada ao enfoque às particularidades da vida brasileira, conforme ele expõe em “Corpo-a-corpo com a Vida”. Ao se centralizar no homem, o escritor fatalmente enfocaria a realidade que o circunda, mas, segundo ele, isso não estava acontecendo no cenário literário de sua época porque lhe parece que os temas concernentes à cultura popular ainda sofriam com o descaso dos escritores – pela falta evidente de uma visão humanista. Um dos elementos que ele relaciona com essa postura indiferente do artista brasileiro é o acelerado processo de aculturação do Brasil. O autor paulistano chama a atenção, entre outros aspectos, para a invasão dos meios de comunicação modernos que exercem grande influência na descaracterização da língua.

A mecanização e uniformização da língua em que a criatividade é posta de lado para valorizar apenas o igual atesta uma postura alienada circunscrita à repetição e imposição de um modelo linguístico (e, claro, ideológico) valorizado como melhor e superior aos costumes brasileiros: “[...] a verdade é que no momento, o Brasil está sendo recolonizado. [...] Desmistificar sempre que necessário, olhar o tamanho e a espessura do nosso próprio rabo e tentar aprender alguma coisa com a autocrítica [...]” (Antônio, 1976b, pp. 21, 24).

Diante da voracidade de avanço da cultura estrangeira, o autor paulistano atenta que

essa padronização do imaginário coletivo acaba se refletindo também na literatura ao gerar escritores mais preocupados em representar padrões literários importados, esquecidos da realidade que, muitas vezes, está à sua volta ou até mesmo dentro de sua casa. No seu ponto de vista, a literatura prescinde de focalizar temas ricos, mas deixados de lado em nome dessa padronização:

“[...] O drama brasileiro da habitação – não temos uma literatura das favelas. A comédia brasileira de costumes – não temos uma literatura dos costumes de nosso tempo. A farsa brasileira do comportamento – não temos um equivalente em literatura. O drama brasileiro da saúde – não temos uma literatura das doenças, principalmente das doenças da pobreza. A confusão brasileira das religiões – não temos uma literatura religiosa. O pão e o circo dos estádios – não temos uma literatura de futebol. Os transportes urbanos – não temos uma literatura da Central do Brasil ou ônibus [...]” (Antônio, 1976c).

Semelhante levantamento de particularidades culturais do país encontra-se relevado também na obra de Lima Barreto. Na valorização do homem brasileiro, imperativo categórico de seu pensamento estético, está contida a preservação da memória cultural e histórica tanto do socialmente estabelecido – sua luta pela conservação de prédios históricos do centro do Rio de Janeiro – quanto da margem da cidade. O enfoque que esse escritor carioca dispensa para a apreensão das crenças, hábitos e costumes dos subúrbios cariocas (*Clara dos Anjos, Triste Fim de Policarpo Quaresma, Histórias e Sonhos*, entre vários outros momentos da obra barretiana) atesta que existe uma vinculação muito próxima da postura defendida por João Antônio, acerca da deturpação e ignorância das raízes culturais do Brasil, com aquela desenvolvida por Lima Barreto.

De igual modo se nota, na apreensão da vida das classes subalternas efetuada por Tolstói, uma patente valorização dos costumes dos camponeses e dos operários,

de suas tradições e crenças, o que caracteriza um de seus pressupostos fundamentais relacionado ao enfoque particular às origens e características do povo russo. Falar do que está próximo e latente na realidade; não tratar sobre aquilo que possa impedir o povo de reconhecer-se a si mesmo numa obra de arte. Não que Tolstói tenha se empenhado somente no resgate cultural das classes subalternas russas, assim como também não o fizeram Lima Barreto e João Antônio (futebol e música não são características intrínsecas apenas da zona de exclusão social brasileira), mas dar um merecido destaque a esses aspectos que representam as particularidades de um determinado povo, de uma determinada nação, é uma das prerrogativas em comum nas concepções estéticas desses três escritores: a valorização do homem e de sua terra.

Observa-se que o elemento fundamental dos pensamentos de João Antônio e Lima Barreto relaciona-se, em grande medida, aos pressupostos do tolstoísmo. Para Tolstói, a arte deve contribuir para um homem e um mundo melhores. O artista deve preocupar-se com a realidade de sua sociedade e trazer à cena artística criações que contribuam para as elevações moral e espiritual humanas. Ressalta-se que a perspectiva religiosa da arte defendida pelo pensador russo não é localizável nos posicionamentos dos dois escritores brasileiros, mas as concepções gerais de amor ao próximo, portanto universal, e de um senso ético em detrimento do estético mostram-se correlacionadas.

É necessário ressaltar que Lima Barreto também manteve um constante interesse pelas ideias do anarquismo, corrente de pensamento que também concorda com alguns preceitos do tolstoísmo como a sinceridade e amor ao próximo. Porém, o pensamento anarquista discorda dos preceitos tolstoístas no que concerne, entre outros elementos, ao aperfeiçoamento cristão e ao individualismo religioso.

Um dos principais objetivos de Lima Barreto em relação à finalidade da literatura é priorizar o homem e seu contexto real para realizar uma obra que corresponda às preocupações de uma sociedade e, para

ilustrar seu posicionamento, ele refere-se à literatura russa enquanto arte realmente preocupada com o destino do homem e de seu país: “Temos que rever os fundamentos da arte e da ciência; e que campo vasto está aí para uma grande literatura, tal e qual deu a Rússia, a imortal literatura dos Turguêneffs, dos Tolstói, do gigantesco Dostoiévski, igual a Shakespeare, e, mesmo, do Górkí!” (Barreto, 1956c).

A literatura russa exerce um papel preponderante para se entender as concepções literárias de João Antônio e Lima Barreto. Para ambos, essa vertente literária realiza uma das abordagens mais pertinentes entre o homem e a terra; entre o humano e a realidade. João Antônio, ao comentar sobre sua formação intelectual, lembra a importância da literatura russa como arte voltada para as angústias humanas e a valorização dos costumes de seu país. Ele enfatiza como essa vertente literária o auxiliou no entendimento de que a valorização específica dos hábitos e costumes brasileiros permite alcançar um procedimento artístico de grandeza universal: “A grande lição que eu aprendi com os russos – Gólgol, Dostoiévski, Puskin, Tchecov, Górkí – foi a sua profunda preocupação com o homem: primeiro no sentido russo, estritamente russo; depois no sentido universal. Embora falando da Rússia, eles me propuseram que olhasse mais para o homem brasileiro” (in Caminha Jr., 1984, pp. 2-3).

Torna-se claro que na aceção dos dois escritores brasileiros a literatura russa exerce um patamar de destaque como sinônimo de uma das principais referências da formação intelectual e literária de ambos, principalmente por abranger um olhar centrado nas angústias humanas. A maneira como os autores russos, sempre submetidos à opressão constante do regime czarista, amalhavam em suas criações artísticas elementos da realidade para trazer à tona as condições adversas a que a sociedade russa estava submetida é um dos principais aspectos que configuram o interesse de João Antônio e Lima Barreto. Haja vista que se trata de uma literatura que tanto se volta para a representação e denúncia da

realidade quanto focaliza, primordialmente, o homem e seu meio. Isso pode ser verificado nas obras de Dostoiévski, Tchecov, Górkí, na literatura e em *O que É a Arte?* de Tolstói (1994).

Apesar de se tratar de dois escritores que viveram em épocas e contextos históricos diferentes, as ideias de João Antônio e Lima Barreto acerca do propósito da literatura são equivalentes, sempre enfocando o despropósito em se elaborar obras distanciadas da realidade. Assim, suas críticas têm como alvo, principalmente, os escritores que tematizam a ambiência burguesa ou da elite ou aqueles que consideram a elaboração estética centrando-se apenas numa linguagem de efeito, mas sem um sentido social ou humano. Reforça-se aqui mais um momento em que a perspectiva tolstoísta pode ser entrevista no pensamento dos dois escritores. Afinal, para Tolstói, um dos aspectos mais condenáveis da arte moderna é sua vinculação à “arte pela arte”. Acima de tudo, para João Antônio e Lima Barreto, a literatura era uma das formas possíveis de melhorar o homem e sua convivência com o mundo que o cerca.

Para Tolstói, é necessário valorizar o coletivo em desfavor do individualismo. Assim, essa valorização atenta para a capacidade que a arte tem de modificar o pensamento e a ação do homem perante os problemas de sua sociedade. A identificação entre o homem e sua realidade ao ter contato com um produto artístico deve ser o fulcro modalizador para uma verdadeira obra de arte. As habilidades estéticas e composicionais devem ser equacionadas pela perspectiva de modificação da coletividade em razão de uma sociedade igualitária e harmoniosa, em que não exista o privilégio de uma classe ao preço da opressão contínua contra uma parcela substancial do povo. Tolstói ainda afirma, em *O que É a Arte?*, que seu desejo é o de poder ser lido pelos camponeses, atingir aquela parcela da população à margem do socialmente estabelecido.

As concepções literárias e filosóficas de João Antônio e Lima Barreto são unânimes ao afirmarem sobre a necessidade de uma literatura atuante socialmente, em busca da

transformação da realidade de exploração e opressão sofrida pela maior parte do povo brasileiro. À parte de alguns conceitos particulares de cada um dos autores, é possível verificar uma direta relação com um dos pressupostos tolstoianos: a literatura deve almejar a transformação da consciência humana por meio do contágio de sentimentos e emoções verdadeiros que auxiliem na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Para o pensador russo, assim como pode ser verificado nas colocações dos dois escritores brasileiros, o sentimento do artista ao produzir sua obra deve estar aliado ao seu poder de comunicação. Essa transmissão deve se caracterizar como uma espécie de força hipnótica provocando a tensão espiritual do artista ao expor sobre seu objeto. Destarte, ele transmitirá por meio de sua criação estética muito além do que a imitação da realidade, pois será a representação de seu sentimento sobre o assunto tratado a instaurar o móvel de sua obra, portanto, atingirá a sensibilidade de seus leitores (Tolstói, 1971, p. 474).

É necessário ressaltar uma particularidade quanto à finalidade última do pensamento desses dois escritores sobre a arte e o homem. Em Lima Barreto, está claro a premissa de que suas colocações a respeito da arte e seu pensamento sobre a sociedade têm em vista a convivência fraternal entre todos os homens e, ao se atingir esse patamar, se consolidaria uma vida plena, justa e digna para qualquer homem. Todos deveriam ter acesso a melhores condições de vida, todos as merecem.

Num primeiro momento, a proposição de João Antônio mostra-se similar àquela defendida pelo escritor carioca, pois ele afirma que para resolver os problemas do universo da exclusão social é necessário uma mudança de visão e postura, pois as bases da sociedade estão fundamentadas na competição e ambição enquanto deveriam basear-se na solidariedade e no coletivismo. Ele atenta também, assim como o ponto de vista barretiano, para a premência em se conscientizar de que não basta colocar a culpa dos problemas sociais como inerentes somente ao governo, mas perceber que a

resolução das questões políticas e sociais deve partir do próprio homem como ser diretamente ligado ao contexto em que vive. Para ele, assim como para Lima Barreto e Tolstói, nada tem mais peso do que o trabalho e a força do homem.

Entretanto, em determinada entrevista, ao ser perguntado se haveria salvação para o mundo, João Antônio demonstra uma descrença não localizada nos posicionamentos dos escritores russo e brasileiro: “Dependerá dos homens. O mundo já esteve pior do que agora, basta que se consultem as histórias dos povos. Acredito que o ano de 40 era bem pior que o de 74 e que a crise de 29 foi pior do que a atual. *O homem talvez, se salve, o problema é saber se ele merece*” (Antônio, 1975b – grifos meus).

Enquanto para Tolstói e Lima Barreto o homem realmente merecia ser salvo de suas angústias e problemas sociais, pois era digno de uma vida fraterna e harmoniosa com o seu meio, nota-se que para João Antônio isso não era tão evidente. Essa postura questionadora do escritor paulistano pode ser justificada na apreensão do contexto sócio-histórico em que viveu. O período histórico dos escritores russo e carioca coincide com o início da fragmentação do homem em que o capital começa a exercer mais força que os valores humanísticos. A industrialização e o nascimento das metrópoles ocasionam um apagamento das particularidades individuais e das relações humanas, conforme afirma Walter Benjamin. A solidão começa a se instaurar no homem, que se vê reduzido a poucos momentos de individualidade. As colocações de Tolstói e Lima Barreto configuram-se num momento intermediário entre a verticalização capitalista e a fragmentação do indivíduo. Verifica-se em suas obras o combate à iminência da vida moderna que incitava a uma nova visão da humanidade fundamentada no apagamento dos valores éticos, morais e humanos. Mas ainda se sabia qual seria o melhor caminho.

João Antônio, vivendo várias décadas após as colocações de Barreto e Tolstói, observa uma sociedade em que os traços de humanismo foram extremamente apagados em nome da ambição financeira e do poder.

A supremacia entre os que têm poder aquisitivo sobre os marginalizados tornou-se mais acirrada via o crescente aumento do lumpemproletariado. O advento de uma modernidade pernicioso, enunciado por Tolstói e Lima Barreto, tem seu ápice atingido no contexto sócio-histórico vivenciado pelo autor paulistano. Nesse sentido, as fronteiras sociais são erigidas sob o constante apoio do Estado e até mesmo aceitas como uma condição natural do processo evolutivo da humanidade – aspectos denunciados tanto por Tolstói quanto por Barreto. Vislumbra-se que o posicionamento descrente de João Antônio seja compreensível, pois a perspectiva de incorrer nos mesmos erros parece ser evidente: “Para ser vencedor, no Brasil,

é preciso fazer parte da classe dominante. Aos demais cabe aceitar as regras. Ou escrever livros [...]” (Antônio, 1987). Ainda que tenha alguma dúvida sobre o fato de o homem merecer ou não a salvação, sua postura diante da literatura como um dos caminhos para mudar o estado de coisas é reconfirmada.

Nestes cem anos de falecimento de Tolstói, verifica-se o quanto ele ainda tem a dizer sobre o mundo atual. O que pode ser constatado pela presença de alguns dos fundamentos de seus pensamentos na obra contemporânea de João Antônio – valores esses recebidos diretamente de um de seus mestres literários, o carioca Lima Barreto.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ANTÔNIO, João. “Corpo-a-corpo com a Vida”, in *Malhação do Judas Carioca*. 1975a.
- \_\_\_\_\_. “João Antônio Ferreira Filho”, in *Jornal do Piauí*. Teresina, 27 de novembro, 1975b.
- \_\_\_\_\_. “João Antônio, o Escritor Maldito, em Entrevista Exclusiva ao JM”, in *Jornal da Mantiqueira*, s/l, 25 de abril de 1976a.
- \_\_\_\_\_. “Um Leão-de-chácara, ‘Malagueta, Perus e Bacanaço’ e Outros Pingentes”, in *Espaço Cultural*, s/l, março de 1976b.
- \_\_\_\_\_. “A Rua É uma Escola e o Botequim, Universidade”, in *A Gazeta*. Vitória, 18 de abril de 1976c.
- \_\_\_\_\_. “Nem Herói, Nem Vilões: Apenas o Povo Brasileiro”, in *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1987.
- BARRETO, Lima. “A Estética do ‘Ferro’”, in *Impressões de Leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956a.
- \_\_\_\_\_. “Amplius”, in *Histórias e Sonhos*. São Paulo, Brasiliense, 1956b.
- \_\_\_\_\_. “Volto ao Camões”, in *Impressões de Leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956c.
- CAMINHA JR., Edmilson. “Corpo-a-corpo com a Vida”, in *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 8 de dezembro de 1984.
- MONTSERRAT FILHO, J. “Ministro Tem Medo de Escritor?”, in *Crítica – Caderno Artes e Letras*, s/l, 5 de maio de 1975.
- O GLOBO. “‘Dedo-duro’, Livro Novo de João Antônio. Mostrando Poesia no ‘Lixo da Vida’”, in *O Globo*. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1982.
- OLIVEIRA, Denise. “Da Rua para Literatura: João Antônio Lança Antologia com Alguns de seus Melhores Contos”, in *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 21 de maio de 1996.
- SILBAJORIS, Rimvydas. *Tolstoy's Aesthetics and his Art*. Ohio, Slavica Publishers, 1991.
- TOLSTÓI, Leon. “À Propos de l'Art: ce qu'il est, ce qu'il n'est pas; quand il est une affaire importante et quand el est une affaire futile”, in *Écrits sur l'Art*. Traduit Maya Minoustchine. Paris, Gallimard, 1971.
- \_\_\_\_\_. *O que É a Arte?* São Paulo, Experimento, 1994.